



## ENTRE ESTÉTICA E ÉTICA, A SEMIÓTICA

Ana Claudia de Oliveira. PUC/SP - CPS

*(...) os valores ditos estéticos são os únicos próprios,  
os únicos que, rejeitando toda negatividade,  
nos arremessam para o alto.  
A imperfeição aparece como um trampolim que nos  
projeta da insignificância em direção ao sentido.(...)*

A. J. Greimas, *Da Imperfeição*.

Desde as minhas primeiras pesquisas, quer os objetos da arte quer os da mídia, são os campos sobre os quais me debrucei, indagando nas manifestações como é arranjada a sua presença sensível. Essa presença, mediada ou não, como o sentido se atualiza e tem o poder de afetação do destinatário? No processamento significante, a manifestação sensibiliza o sujeito para ser capturado e sua estruturação ser sentida e compreendida. Nos processamentos diversos da criação, o sujeito descobre-se competente para entrever, nas trilhas traçadas pela obra, o seu acesso à significação. O seu ato de dar sentido é, sobretudo, uma ação que constrói uma expressão de si, dos sentimentos, do mundo, fruto da faculdade humana de produzir significados. Assim é que esses sentidos, os quais formam o mundo cultural são de maior relevo para o social e tudo o que desse emana.

Nos seus escritos, Maurice Merleau-Ponty afirma a condenação do sujeito ao sentido (Prefácio de *Fenomenologia da percepção*, 1999, pp.XV) e encontramos repercussões dessa máxima em outros estruturalistas, como Roland Barthes e Algirdas Julien Greimas que exploram a importância dessa marca singular da trajetória humana. Em uma inversão de ponto de vista, Eric Landowski introduz que esse ato ininterrupto de significar pode ser visto muito além de uma condenação,

mas como a própria atividade de salvação do homem na medida em que é ela que o constitui enquanto sujeito presente ao mundo.

Na busca humana, o sentido exerce um valor fundamental na construção do sujeito no mundo, que é o que o significa e possibilita-lhe dar significado às coisas do mundo, aos outros seres, a si mesmo. Assim é que a atividade humana como um todo pode ser tomada como uma faculdade performática de fazer o sujeito ser.

No mais das vezes, essa atividade só é evidenciada nas obras dos artistas, e os processos criativos de feitura do todo de sentido despertam tanto mais interesse quanto a excepcionalidade da produção. É como se os processos criativos fossem reveladores de caminhadas possíveis de serem repisadas por outros homens. Em nosso universo cultural, há um encantamento que recobre intensamente a própria obra de arte. Os processos de criação e de execução do seu desenvolvimento quase sempre maravilham como ato extraordinário, e a obra finalizada exerce um fascínio a partir dos mecanismos de afetação individual e coletiva. Uma tela, fotografia, multimídia, vídeo, filme, espetáculo de teatro, dança, performance, independentes dos tipos de linguagens de expressão do conteúdo, são todos um arranjo plástico das escolhas do conjunto de elementos e de suas combinatórias relacionais que fazem ser o sentido regido por uma estética. Pois são várias as concepções estéticas, entendidas como modos de construção de sentido que operam tanto no arranjo da plástica da expressão quanto no do conteúdo, os quais são mantidos pelas relações de implicação. Como esses planos são correlatos: forma é conteúdo e conteúdo é forma.

Seguindo esses pressupostos teóricos, venho desenvolvendo as linhas de minhas investigações que passarei a relacionar conforme os grandes eixos dos projetos que mantêm a semiótica discursiva como fundamento e metodologia.

### **Nas ruas e calçadas, os acidentes estéticos das vitrinas**

No bojo de uma estética do cotidiano, o que domina nas calçadas das cidades são os corpos vestidos a circular pelos ambientes urbanos em uma grande cena na qual tudo está posicionado e mantém relações entre as partes da topologia

plena de sentido. Tanto os corpos como os elementos da cidade podem ser considerados vestidos de modo que as suas interpenetrações construam a sua visibilidade. Em razão do espaço público jogar com o privado, tudo e todos se transformam em mercadorias. Assim, não só os produtos nas vitrinas, mas os constituintes da cidade e também os próprios seres não podem não ser vistos. Os estratagemas da visibilidade são projéteis para significar os sentidos das lojas que são lançados no campo de sensibilidade dos sujeitos, que também se projetam, assim como os lugares.

Estudando os regimes de visibilidade, ocupei-me dos acidentes estéticos que as montras podem provocar em ruas de Paris, de São Paulo e das vias cobertas de galeria, Shoppings centers.<sup>1</sup>

De 1991 a 1994, dediquei-me ao estudo das montagens das vitrinas vistas como aberturas nas arquiteturas das localidades de comércio para fazer ver lojas, mercadorias e para quem são destinadas. Os arranjos plásticos de seu espaço interno e externo põem em circulação valores, que conceituam o estabelecimento, as marcas e os produtos os quais comercializam e acabam dando identidade ao lugar. Os modos como são feicionados os estabelecimentos comerciais fazem ver o próprio público consumidor a quem os destinadores se dirigem. Tratando esse processo como interação comunicacional, abordei como todo arranjo é regido por uma estética manifesta pelas construções de linguagens em sincretismos diversos para plasmar os significados. São esses que põem em circulação a axiologia regente na sociedade e assim, a ética. As manifestações trazem em si os simulacros dos integrantes dos dois polos comunicacionais nos quais destinador e destinatário podem ser observados. As distintas segmentações de público forçosamente geram imagens ou simulacros que são arranjados na e pela interação desses sujeitos no seu construir pelos modos de presença na interação, os sentidos.

Decorrem daí as variações nos arranjos estéticos que vão das mais funcionais e práticas, às mais estéticas até as mais simbólicas, as quais se tornam mitológicas, na medida em que explicam o social, permitindo o seu entendimento.

Tratando a sensibilidade na inteligibilidade urbana, pude sistematizar categorias de compreensão da estética que tomei como inseparável da ética, tendo

a estesia como a sua condição de suas atuações significantes. Esse é um pressuposto teórico e metodológico que atravessa a totalidade de minhas pesquisas, na medida em que é delas basilar.<sup>2</sup>

Continuei desenvolvendo teoricamente a estesia e os modos de fazer sentir em vários artigos e, como detalharei na parte das investigações da plástica da mídia, os modos em que ela tem sido explorada nas manifestações midiáticas para levar o destinatário ao convencimento.<sup>3</sup>

### **Os corpos vestidos**

Interessada pelos corpos em circulação a partir dos modos como esses se mostram, expondo seus valores, volições e sentidos, tratei os modos como esses se criam e se reinventam. Aproximando os períodos históricos dos grandes movimentos artísticos, caracterizei semioticamente como esses se atravessam a partir de levantamentos dos modos de manifestação das artes e de suas caracterizações plásticas. As telas, fotografias, filmes aguçaram o meu grande interesse pelos modos de vida e do fazer-se presente no social que estabelecem os estilos e gostos de época. Em uma colaboração de longa duração com a Editora Perspectiva, tenho publicado, na coleção Stylus, uma série de capítulos sobre modos de vida e suas modas com o propósito de fundamentar que os tempos são intercomunicantes enquanto passado, presente e futuro se intersemiotizam traduzindo-se. Assim mostrei no Classicismo<sup>4</sup>, no Naturalismo<sup>5</sup>, no Expressionismo<sup>6</sup>, no Surrealismo<sup>7</sup>, na Pós-Modernidade e preparo a abordagem das partes faltantes, Romantismo, Cubismo, entre outros.

Em termos da pesquisa de fundo, explorei em todos as caracterizações plásticas da roupa, sua esteticidade no por em circulação a axiologia de seu tempo. No tratamento desses pressupostos, mostrei que não se trata só de eidos e de topologias do corpo e da roupa que são rearranjadas em novas materialidades têxteis, mas da formulação de identidades particulares que permitem a captação e a leitura da fórmula da combinatória que, independente de ser roupa ou tela, escultura,

fotografia, dança, peça teatral, rearticulam na roupa o *total look* de um estilo artístico.

As recorrências cíclicas da arte na moda são analisadas em "A moda-pintura"<sup>8</sup>, uma abordagem que permite compreender o fenômeno da moda a partir de recortes da arte em que mostro a recriação do ritmo como o fundante articular intersemiótico dessa incessante operação de tradução que caracteriza todas as épocas.

Em relação ao corpo, tenho continuamente trabalhado a fim de relacioná-lo à roupa e a roupa ao corpo na busca de descrever e analisar os modos de atuação desses dois adjuvantes da formação subjectal. Indagando em que medida esses dois sujeitos se entrelaçam, para juntos edificarem os modos de ser e de estar do sujeito no mundo, eles se tornam sujeitos performáticos. Os arranjos entre corpo e roupa mantêm interações em que um empresta ao outro valores, em uma espécie de troca em que tanto a roupa como o corpo são operadores de competencialização (saber e poder) para as ações (fazer). A performatividade de homens e mulheres carrega, assim, além de *valores funcionais* diretamente ligados à roupa cobrindo o corpo, *valores simbólicos* que vão conferir status social à pessoa. Esses dois valores são envoltos pelos *valores estéticos* que são investidos em roupa e corpo. A condição dessa esteticidade é atuar na faculdade de sentir-se e de sentir o outro, o que torna a estesia a condição da estética. Ocupando-me da compreensão das montagens significantes dos arranjos pelo tratamento dos atos do sujeito que lhe significam, examino a sua produção de impactos que relevam os modos de presença que o corpo vestido do sujeito assume na interação. Por último, o *valor mitológico* que concerne às explicações do sujeito e suas ações, de uma época com a caracterização do modos e estilos de vestir-se, enfim, das modas e modos de vida.

Esse imbricamento entre corpo e roupa está, portanto na base de uma articulação de uma semiótica do corpo vestido<sup>9</sup>, que confere ao sujeito uma aparência, quer por sua escolha individual, quer por imposição social. A definição da aparência resulta das reiterações de marcas que permitem definir as constantes identitárias em seu dinamismo, pois tem-se aí um processo em andamento. A semiotização do corpo vestido<sup>10</sup> difere de uma semiótica da moda<sup>11</sup> que, então, concentra-se em analisar os estilistas, as marcas com os seus ditames para reger o

social. Nas vagas da moda, temos sempre prescrições dos destinadores do mercado para fazer que ser segundo modelos. O propósito torna-se o de compreender o fenômeno da moda e como ele atua na construção do pertencimento social e da identidade.

### **Estética da mídia e formação do gosto**

Não há circulação de mensagens sem arranjos regidos por estéticas que definem a produção mediática, o que resulta em afirmar que vivemos em um mundo modelado pelas estéticas que traduzem em mundos de linguagens o sentido. Toda operação de apreensão sensível e de compreensão inteligível provém de um fazer interpretativo dos destinatários.

Com esse horizonte investigativo, analisei como as linguagens se imbricam umas nas outras pelos procedimentos de sincretização no jornal, em um filme, em um audiovisual, e também no corpo vestido, pois é uma pluralidade de linguagens que atuam juntas na montagem de suas falas. Retomo nesta linha a minha tese de doutorado *Fala gestual* (1986)<sup>12</sup>, em que os corpos pintados de distintos períodos da história da arte foram analisados em suas posições, posturas e gestos na dinamicidade dos traços e cores, na topologia pictórica em que manifestam pelo cinetismo, verbal, visual e espacial em sincretização os sentidos da tela.

Em uma pesquisa de grande monta que está publicada em artigos esparsos, desenvolvi postulados de uma semiótica plástica da mídia. A proposição está na coletânea *Semiótica plástica*, na qual reuni artigos de semioticistas que tratam objetos diversos, de uma arquitetura, fotografia a uma paisagem natural, ou pintada, desenhada, gravada, fotografada. A disciplina objeto, semiótica plástica, é uma edificação do Groupe Sémio-linguistique integrado por pesquisadores do entorno de Algirdas Julien Greimas que empreendiam estudos para desenvolvimento de um modelo teórico que abrangesse a descrição do plano da expressão das manifestações visuais mais distintas, quer artísticas, quer as midiáticas, quer as do mundo natural. Na abertura do livro, proponho a discussão da própria denominação: "Semiótica plástica ou semiótica visual?", que desenvolvo em uma longa análise da obra pictórica e escultórica de Henri Matisse. A problemática é a descrição de como

as qualidades plásticas fazem-se apreensíveis como um todo de sentido uno e complexo que se mostra por si mesmo, ou seja, pelas qualidades pictóricas. O propósito é de apresentar a semiótica e seus métodos de descrição dos objetos, defendendo que essa teoria "nos fornece meios para melhor apreciar a arte, o que já é aproximar-se *esteticamente* dela" <sup>13</sup>, e que depois seria por mim explorado como um ir além da apreciação, e ser tomado como a própria experiência sensível da obra, na qual o sujeito destinatário no seu interagir com a obra sente esteticamente as qualidades sensíveis atualizando os sentidos.

O desenvolvimento deste aporte teórico nos estudos do campo da comunicação foi empreendido por um projeto coletivo que dirigi com a semiotista fluminense Lucia Teixeira na coletânea: *Linguagens na comunicação*. O descentramento do verbal em seus múltiplos enlaces com os demais sistemas tem produzido graças às tecnologias da informação uma série de produção intersistêmica. O meu propósito foi desenvolver uma tipologia dos procedimentos de sincretização que iluminasse a análise da grande comoção que as mídias geram em suas notícias, filmes, games e mesmo nos livros com projetos gráficos e papéis de materialidade cada vez mais expressiva do sentido. Com a abordagem "a plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global", mostrei como a organização verbovisualespacial articula percursos sensíveis em sincretismos específicos para a apreensão dos sentidos enunciados por uma materialidade impressiva que afeta corporeamente o sujeito convocado a sentir o fato noticioso como se esse observador estivesse posto nos acontecimentos, mas a salvo no seu posto de intérprete da leitura<sup>14</sup>.

O livro infantil com um projeto gráfico especial jogando com dois tipos de desenho, o nanquim e o guache, levaram-me à análise de como a própria escolha de uma mídia por um destinador já é em função do tipo de discurso a ser criado. Detalhando as escolhas materiais do enunciar, o nanquim figurativiza o leitor adulto e um mundo regrado pela ordem e repetição das narrativas pré-vistas, enquanto o guache figurativiza o leitor criança que é transladado de mundo para mundos por sua imaginação nas pinceladas interpenetrantes, regrada pela imprevisibilidade e aventura<sup>15</sup>.

Em outro ramo de análise, explorei as interpenetrações além das cromáticas da personagem Marcelle, heroína do livro, para considerar as do anti-herói, cidadão comum de Buenos Ayres, que tem sua vida posta de cabeça para baixo quando ela é quebrada pelo inesperado encontro com um imigrante chinês. A exploração da materialidade fílmica permitiu tratar os tipos de narrativas midiáticas e como essas estão imbricadas. O *fait divers* jornalístico é o grande produtor de impactos sensibilizantes que fraturam a vida cotidiana e fazem viver aventuras audiovisuais imaginadas. Nesta medida, o imaginário midiático torna-se o conformador do imaginário humano, e o sujeito, que regula o seu viver pelas convenções do tempo, do espaço, do social, tem ainda a mídia como orquestradora dos seus devaneios, que imprevisivelmente o lançam da rotina ao sonho, fantasia, um outro mundo possível, que são regidos pela estética cujas ocorrências sensíveis têm a força significativa de vitalizar o viver humano<sup>16</sup>.

### **A inventividade das práticas de vida urbana**

Em muitos ângulos, essas pesquisas anteriores estão canalizadas em um projeto investigativo coletivo em desenvolvimento, denominado *Práticas de vida e produção de sentido da metrópole. Regimes de visibilidade, regimes de interação e regimes de reescritura*, apoiado pela FAPESP de 2011 a 2014 em parceria com a FAAC, UNESP, a Università La Sapienza de Roma e o CEVIPOF, CNRS, França.

A proposição investigativa volta-se aos modos de mostrar-se da cidade, que implicam em seus modos de ser vista pela população estável ou móvel, mostrando que os meios de comunicação têm um papel fundamental no fazer ver a cidade pela população. Sua atuação é considerável na construção de São Paulo e seus lugares se fazerem ser vistos ou não, assim como a visibilidade ou invisibilidade dos vários segmentos de sua população. Essa investigação interessa-se por contrastar essa visibilidade midiática com a colhida em nossa observação da própria cidade e de sua população por meio de suas práticas de vida. Explorando além da sintaxe da visibilidade, conforme postulada por Eric Landowski (1992), são também os modos de presença da cidade (Landowski, 2002, 2004) que nos levam a arrolar os modos de seu mostrar-se e os de ser vista; os modos de aprazer-se vs entediar-se na e



pela cidade; os modos de se fazer ser paulistano por e com São Paulo que são então capturados nos percursos axiológicos, narrativos e discursivos de vida na pauliceia. Essas apreensões das formas de vida metropolitana são manifestações coletadas ‘ao vivo’, na experiência mesma da vivência de São Paulo que constituem os seus próprios jogos ópticos, com aqueles construídos pela visibilidade midiática. Esses serão sistematizados, detalhando os distintos mecanismos enunciativos pelos quais as práticas interativas na cidade se desenrolam e são ou não visibilizadas nas várias mídias. Questão do ponto de vista, que impõe à observação a escolha de posição, de uma angulação, de uma postura assumida para não somente ver, mas também sentir com o corpo todo a cidade que faz o sujeito viver a vida paulistana, formam a perspectiva assumida para analisar os modos de mostrar-se e de ser apreendidos da cidade e da população que nos conduzirão à apreensão do corpo físico da cidade e o da população, descrevendo como se processam os tipos de interação por eles e neles mantidos. Uma gama de impressões sensíveis bem além da visualidade, que envolve ainda as impressões térmicas, sonoras, olfativas, gustativas, cinéticas e rítmicas produzem o sentir a presença significativa da cidade, a qual intervém sensivelmente na construção dos sentidos que a fazem ser, mas igualmente fazem ser os seus habitantes e, também supomos, são recriados nos modos produzidos pela administração e pela população. Tendo como objeto de estudo as práticas de vida de São Paulo, é um corpus de modos de presença de lugares da maior metrópole sulamericana que essa pesquisa explora com os fundamentos e a metodologia da teoria semiótica de A.J. Greimas, agrupando os fundamentos da semiótica plástica de J.-M. Floch (1984, 1986, 1990, 1995) e da semiótica da experiência e das práticas de vida sociosemiótica de E. Landowski (2002, 2004, 2005) em prol de uma construção de uma teorização narrativa-discursiva-axiológica dos modos de vida na espacialidade urbana metropolitana, a partir dos quais configuram seus regimes de visibilidade, regimes de interação e regimes de reescritura.

As práticas de vida da cidade de São Paulo são analisadas a partir de como a cidade se dá a ver nas abordagens dos vários meios de comunicação, como: impresso (jornal e revista), televisual (telenovela), fílmico, fotográfico, em comparação com as práticas vividas e que são flagradas no contato do pesquisador com o que a cidade oferece.

Esse corpus de manifestações da cidade que são coletados em uma seleção realizada nas várias produções discursivas dos meios, além de permitir analisar a visibilidade mediática de São Paulo, permitirá delinear também a identidade dessa metrópole traçando tanto o que a aproxima das demais cidades globais, quanto o que a particulariza. Essas manifestações da cidade examinada nas práticas de vida de locomoção com os seus fluxos e rítmicas, de entretenimento sociocultural de vários tipos permitirão analisar a São Paulo das vivências, que faz ser a sua população e produz simulacros da cidade, repercutindo nacionalmente, mas também pela América Latina e mundialmente.

Para essa análise, nossa perspectiva teórica é a da sociossemiótica, entendida como uma teoria da ação social fundamentada na gramática narrativa, na produção textual dos valores, nos procedimentos de discursivização da enunciação, da figuratividade e dos temas tal como pensados pela semiótica edificada por Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores. Seu exame é, pois, pelo percurso gerativo de sentido proposto por Greimas, que foi sendo complementado ao longo de sua construção teórica (1970, 1974, 1983, 1987). Para dar conta das narrativas encenadas ou vividas, aliaremos as proposições de Landowski, que complementaram o outro lado da gramática narrativa desenvolvida por Greimas e seus colaboradores (LANDOWSKI, 2004, 2005, 2010). A cidade é então tomada em sua produção de sentido que faz a cidade ser e faz ser seus habitantes. São Paulo tem, no seu processamento de sentido, um processamento da sua comunicação que pode ser colhido nos modos distintos de interação a qual essa metrópole e seus habitantes mantém entre si, mas também que esses reinventam para ressignificar a vida e o viver. Não se trata somente de mapear os espaços e os lugares, mas também de os complementar a partir dos dados da experiência de vida na cidade, que são carregados de sentido e de valor. Assim, para dar conta da significação de São Paulo por meio de uma compreensão da produção de sentido na metrópole paulistana, analisamos tanto a dimensão inteligível quanto a sensível da organização de aspectos selecionados da cidade. Enquanto resultados parciais, vários estudos foram desenvolvidos e se encontram já publicados<sup>17</sup>.

Em vez de analisar unicamente as estruturas, planos e projetos que buscam moldar e construir a cidade, a pesquisa proposta tem como alvo investigar os modos

de articulação de linguagens que significam a cidade pelas interações que abrigam e pelas práticas sociais que alocam.

Como objetivo último do investigar as práticas sociais que na cidade são enunciadas, estamos criando uma cartografia experiencial, como forma de compreensão das representações, das reescrituras e dos modos de presença da vida social.

## NOTAS

<sup>1</sup> OLIVEIRA, A. C. de (1997). *Vitrinas acidentadas estéticas da cotidianidade*. São Paulo, EDUC.

<sup>2</sup> LANDOWSKI, E. e OLIVEIRA, A.C. de (1995). *Do inteligível ao sensível*. São Paulo, EDUC.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, A.C. de "Estesia e experiência do sentido". *CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 8., n.2, dezembro de 2010 <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

<sup>4</sup> OLIVEIRA, A. C. de CASTILHO, K. (1999), "Moda e Classicismo", em GUISEBURG, J., *O Classicismo*. São Paulo, Perspectiva, pp. 317-345.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, A. C. de (no prelo p/ 2014), "Esboços da Metrópole: comércio, consumo, moda e modos de vida no Segundo Império", em GUISEBURG, J. e FARIA, J., *O Naturalismo*. São Paulo, Perspectiva, (68 p.).

<sup>6</sup> OLIVEIRA, A. C. de (2008), "Surrealismo e a transversalidade do sentido nos modos de vida e de modas", em GUISEBURG, J., *O Surrealismo*. São Paulo, Perspectiva, pp.655-707.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, A. C. de (2002), "Espaços-tempos (pós-)modernos ou, na moda, os modos", em *O Pós-Modernismo*.

BARBOSA, A. e GUISEBURG, J., São Paulo, Perspectiva, pp.473-531. Reimpressão em 2008.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, A. C. de (1998). "A moda-pintura". *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 4. pp.57-75.

<sup>9</sup> Aparência e o de 2007

<sup>10</sup> Corpo vestido

<sup>11</sup> (2002) "Por uma semiótica da moda", em CASTILHO, K. GALVÃO, D. A moda do corpo, o corpo da moda. São Paulo, Esfera.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, A. C. de (1998). *Fala gestual*. São Paulo, Perspectiva.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, A. C. de (Org., 2004). *Semiótica plástica*. São Paulo, Hacker Editores-CPS, na qual redijo as partes: "Apresentação (pp. 11-25) e "As semioses pictóricas" (pp.116-158).

<sup>14</sup> OLIVEIRA, A. C. de e TEIXEIRA, L. (Orgs., 2009). *Linguagens na comunicação. Desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, CPS Editora, no qual além do Prefácio (pp.7-11), redigi o capítulo: "A plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global" (pp.79-140).

<sup>15</sup> OLIVEIRA, A. C. de (1999). "Repetição e diferença, uma dupla face". *Farol*, Revista do Centro Artes da UFES, Vitória, pp.107-125.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, A. C. de (2012). "Fait divers na resignificação da vida". *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 10.n.2. ISSN: 1679-3404

<sup>17</sup> OLIVEIRA, A.C. de (2012) *Revista Significação* 35: "Fotografia de fotopublicidade na ambientação urbana de São Paulo. São Paulo, pp. -; "Oxente, São Paulo, a capital do Nordeste! Samba-enredo da Tucuruvi entre orgulho e reconhecimento da diversidade de sua população na construção do Brasil", São Paulo, Caderno de Textos do CPS, "Pauliceia e paulistano no espaço vivido da metrópole". em BOGUS, L. e (Orgs, 2013). São Paulo. EDUC, 2013, pp. 165- 183

### Ana Claudia de Oliveira

Professora titular da PUC/SP. Dirige pesquisas e ministra cursos no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, no eixo teórico da Semiótica Discursiva. Publicou os livros *\_Neolítico/Arte Moderna, Fala Gestual\_* (São Paulo, Perspectiva, 1987, 1989), *\_Vitrinas, acidentadas estéticas na cotidianidade\_* (São Paulo, EDUC, 1997) Bolsista Produtividade CNPq.